

Música e cena - o canto em busca de ação

Ive Novaes Luna

Programa de Pós-Graduação em Teatro – UDESC

Doutoranda – Teatro – Or. Prof. Dr. André Luiz Antunes Netto Carreira

Bolsa Promop

Musicista e preparadora vocal

Resumo: Este artigo trata da transposição das falas de Stela do Patrocínio — carioca diagnosticada como esquizofrênica, que morou trinta anos em hospitais psiquiátricos — para a cena do espetáculo *Entrevista com Stela do Patrocínio*, encenado pela atriz e diretora Georgette Fadel e pelo músico Lincoln Antonio e definida por ambos como ópera mínima: ópera porque é um drama musical, onde todo o texto é cantado; mínima porque é reduzida na sua formação, tendo uma solista (Stela), sua antagonista (entrevistadora) e o acompanhamento do piano. O estudo propõe a análise do espetáculo com foco na ação vocal da atriz e apresenta, ainda, paralelos entre este e *Rainhas – duas atrizes em busca de um coração*, que conta com a atuação de Georgette Fadel e com a direção musical de Lincoln Antonio.

Palavras-chave: voz; música.

Um muro. Realidade vertical e sólida: branco, azul, verde, rosa, liso, áspero, baixo, alto. Linha que delimita, veda, separa. Obstáculo mudo que na maioria das vezes protege os que estão dentro dos que estão fora. Há casos, porém, em que serve para proteger os que estão fora dos que estão dentro, e nestes casos é quase sempre intransponível. Não há saída. Ou não há saída sem condicional. Ou ainda que se consiga passar por ele, o lugar onde se esteve dentro acompanha aquele que sai, como um fardo. Fardo casa de detenção, presídio. Fardo sanatório, hospital psiquiátrico.

Estar internada é ficar todo dia presa
Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo portão
Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão
Seu Nelson também não deixa eu passar lá no portão
Eu estou aqui há vinte cinco anos ou mais
(PATROCÍNIO, 2001, p.55)

A linguagem por vezes é muro: castra-nos; isola-nos; separa-nos; transforma-nos em sujeitos no sentido de identidade, de princípio da apropriação. Princípio que gera uma arrogância subjetiva em relação ao mundo e faz com que vivamos o pensamento e a palavra racional, lógica, causal, e afastemos a vida, as intensidades e a linguagem intensa, que é a linguagem artística, em prol de um pensamento cartesiano que nos induz a pensar por causa e efeito, por identidade, por não contradição, onde o que é: é¹. Apesar de inflexível, porém, por vezes aparece neste muro uma brecha por onde escapa uma palavra

¹ Palestra de Viviane Mosé, psicóloga, psicanalista, filósofa e poeta, apresentada no programa *Café Filosófico* da TV Cultura.

intensa, desconcertante, que nos possibilita pensar que o que é poderia nunca ter sido, e que poderá deixar de ser.

O espetáculo *Entrevista com Stela do Patrocínio* — dirigido e encenado por Georgette Fadel² e com direção e execução musical ao piano de Lincoln Antonio³— partiu de palavras ágeis, dessas que encontram brecha, ditas por Stela do Patrocínio⁴.

Lincoln Antonio teve contato com a poesia de Stela em 2001, quando foi convidado por Viviane Mosé⁵ para participar do lançamento do livro *Reino dos Bichos e dos animais é o meu nome – Stela do Patrocínio*. Percebendo a potência e a musicalidade presentes naquela fala, Lincoln decidiu musicá-la. Convidou o cantor paulista Ney Mesquita para dar voz às canções e mais tarde, a atriz Juliana Amaral para o papel de entrevistadora. Deram assim, início ao espetáculo. Com a morte de Ney Mesquita em 2004, Georgette Fadel, que fazia a direção do trabalho, assumiu a cena.

Para compor a música, Lincoln Antonio usou muitos trechos das entrevistas gravadas, onde encontrou uma fala escorregada, calma, sem pressa de se apresentar, mas que, porém, apresenta-se com a força e a decisão que os muitos anos de internação desenharam em sua entonação. A sonoridade dessa fala é também material de dramaturgia. Foi esse som que delineou tanto a música de Lincoln quanto o trabalho de Georgette. A presença dessa voz trouxe à cena o desejo de vida de Stela. Uma voz viva. Uma voz certa: titubeia pouco, impõe um ritmo e o mantém, repete o que gosta e saboreia o que diz. Se para os outros é esquizofrenia, para Stela é realidade, é experiência de vida, é o que vê, o que sente, o que põe pra fora e o que põe pra dentro.

Você tá me examinado não tá?

Tô. E você também tá me examinado.

Eu não sou da casa, eu não sou da família, não sou do mundo, não sou de nenhuma das cabeças e de nenhum dos corpos. Não sou do mundo, não sou da família, não sou da casa, não sou de nenhuma das cabeças e de nenhum dos corpos. Não sou do ar, do espaço vazio do tempo e dos gases. Se anda no ar no espaço vazio e nos gases, como ar espaço vazio tempo e gases, não como forma humana, matéria humana e carne humana pesada.⁶

Lincoln optou, desde o começo da pesquisa, por melodias insistentes, obstinadas e econômicas, harmonizadas por acordes maiores, que deram total liberdade de interpretação para Ney Mesquita, possibilitando-o tratá-las como um canto-fala, um canto que desse voz e corpo ao discurso lírico de Stela, tornando-o, novamente, tridimensional. Os textos escolhidos tinham tanto o propósito de expor a diversidade das idéias de Stela quanto o de favorecer o canto.

² Atriz e diretora paulista.

³ Músico paulista. Pianista, compositor e arranjador.

⁴ Carioca diagnosticada como esquizofrênica, que morou trinta anos em hospitais psiquiátricos.

⁵ Vide nota 1.

⁶ Transcrição das falas de Stela do Patrocínio

No caso da Stela, o fato de ela cantar, tem o sentido de abrir uma chave da poesia aprisionada, em terra, numa determinada condição. Eu acho que o Lincoln, com a música que compôs, brincou com coisas duras, ele amaciou e brincou, lavou coisas que estavam presas naquela encarnação que ela teve⁷.

Como obra documental de uma personagem real, poderíamos ficar tentados a dizer que o texto do espetáculo irrompe o real na cena. Acontece, porém, que o modo como os artistas escolheram apresentá-lo — extremamente coerente com o material e o território explorado na construção da dramaturgia —, não nos reporta de maneira alguma à realidade manicomial, não é a ela que o texto refere-se. Ainda que sugira levemente um ambiente hospitalar, o que a cena apresenta é uma poesia ácida e melódica, que nos arrebatava porque nos faz referência. Porque o sujeito em cena, enquanto oferece liricamente sua desorganização biológica, nos acena o quanto medíocre é nossa razão e o nosso medo da verdade, essa, que só a arte é capaz de dizer: que o que é pode não ser, poderia não ser, ou poderá deixar de ser, porque se transforma. Essa que diz que enclausuramos o que não conhecemos, o que nos foge à razão, o que nos mostra nossa crueldade. O que irrompe o real na cena de *Entrevista* é o lirismo com o qual os artistas oferecem o material. É a representação suave e calma de Stela do Patrocínio e de seus duplos aéreos, animais, gasosos, em ópera mínima. É o confronto da acidez e do desconforto do material com a delicadeza e a tranqüilidade com que é apresentado.

O hospital, esse hospital das almas é o teatro, é o hospício e é o mundo. É esse lugar onde a gente vai realizando, sacando, compreendendo essas nossas loucuras todas. “Como é que o olho faz pra enxergar se não sou eu que boto pra enxergar”. O fato de poder dizer isso com autoridade e ser ouvida, significa que estamos num hospício. Porque se na rua alguém dissesse isso pra você talvez você tivesse medo. E no teatro não. Isso ganha o volume exatamente do portal, da transcendência. Aqui é o lugar onde isso vai ser dito, vai ser ouvido, vai ser ponderado, e está sendo representado com uma luz. Então é a linguagem que estabelece o espaço, e o espaço múltiplo. Isso pode nem passar pela minha cabeça. Onde a gente está? Estamos num hospício? Então estamos num hospício. Não, estamos num teatro. Estamos no mundo, estamos na vida⁸.

Pulamos agora de um muro para uma torre para apresentar *Rainhas – duas atrizes em busca de um coração*, espetáculo adaptado da peça Maria Stuart de Friedrich Schiller, dirigido por Cibele Forjaz e atuado pelas atrizes Isabel Teixeira e Georgette Fadel. Lincoln Antonio fez a direção musical e compôs as canções também deste espetáculo. Trata-se de um drama trágico que gira em torno da luta político-religiosa entre as rainhas Elizabeth I e Mary Stuart, que disputavam a coroa da Inglaterra na segunda metade do século XVI.

⁷ Entrevista cedida a mim por Georgette Fadel, em agosto de 2010.

⁸ Idem

A música de *Rainhas* é executada por duas vozes (Isabel e Georgette), um piano (Manuel Pessoa) e um trompete (Georgette). As canções são mais fechadas como forma, não dando espaço pra improvisação, como acontece em *Entrevista*, onde Georgette pode repetir os temas quantas vezes quiser, assim como acontece com o piano. Já as formas instrumentais são bem mais livres, podendo ser improvisadas em alguns momentos.

O propósito de trazer este espetáculo para perto de Stela é a tentativa de iniciar um estudo que trace paralelos entre eles. Aqui apresento um pouco da ótica da atriz Georgette Fadel sobre a sonoridade e voz das personagens:

A gente vai brincar agora que eu sou a rainha Elizabete. Então fiquei imaginando como ela falaria. Tudo surgiu de brincadeira. Eu acho que ela tem uma voz grossa, brinquei com dublagem de filme americano, brincando, brincando, brincando. Mas ao mesmo tempo é uma brincadeira de presentificação. Você presentifica esse arquétipo, você traz um pouco ele, você traz a espiral dele. A mandala dele está posta aqui. Então a força dele também se apresenta. Então é claro que tem uma outra voz, a voz de um arquétipo que está sendo tocado. Eu toco nesse arquétipo pra conseguir através dele construir um meu. Eu represento, eu toco nessa máscara, levanto um pouco, faço um jeito, um tipo, freqüento um pouco aquele lugar, da Stela, fumando e respondendo na primeira pessoa, talvez como eu imagino que seria essa palavra dela. Pra que? Pra voltar pra mim a questão. Pra voltar pra mim, não mim, mim essa geração, esse momento. Nós, nós. Voltar pra mim nós, nesse momento. Aqui nessa terra, não entendendo nada. Então tem isso. Se alimentar daquele arquétipo, do arquétipo da louca, o arquétipo da estadista, mas tudo rebatido⁹.

Enfim, o que podemos perceber ao assistir os espetáculos aqui mencionados é que a canção potencializa a fala das personagens, traz significados amplos para uma fala perdida, cotidiana, banalizada.

A personagem cantar tem o impulso que eu posso dar pra ela, pra ela se manifestar melhor. Então, de alguma maneira, quando eu canto, eu me revelo. Então tem eu, a personagem, eu, essa máscara, e tal: nunca sou eu. A questão do eu é essa pulverização total. É sempre a mesma voz porque a substância é a mesma, é a voz de todos nós. Então eu gostaria que quando eu cantasse, quando a personagem cantasse, ela cantasse porque todo mundo pede isso, porque não tem outro jeito. Ela tem que cantar. Ela tem que organizar de uma forma mais florida, mas florescente aquela fala. Tem que entrar um tananam agora. Por quê? Porque faz parte dessa mandala¹⁰.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. III. São Paulo: Ed. 34, 1999.

GUIMARÃES, Maria Luiza Monteiro. *Falas de Stela do Patrocínio: linhas de fuga para a vida*. Dissertação de Mestrado. Pontifca Universidade Católica. Rio de Janeiro: 2009.

⁹ Idem

¹⁰ Idem

LUNA, Ive Novaes. A maravilhosa expedição do falatório de Stela. In: *Revista Moringa: Teatro e Dança*. Revista do Departamento de Artes Cênicas da UFPB – Ano I, n.1 (jan.- jun. 2010). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome - Stela do Patrocínio*, Viviane Mosé (org). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.